

TRAJECTOS

Revista de Comunicação, Cultura e Educação

Periodicidade: semestral
N.º 16 – Primavera de 2010

Preço: 14€

Director

José Rebelo

Conselho de Redacção

Alexandre Melo, Idalina Conde, José Jorge Barreiros,

José Machado Pais, José Rebelo, Teresa Seabra

Conselho Editorial

Abílio Martins (PT.COM), António Hirmino da Costa (ISCTE), Eduarda Gonçalves (ISCTE),
Fernando Luis Machado (ISCTE), Jean-Pierre Dubois (Univ. de Paris XI), Manuel Castells (Univ. Aberta
da Catalunha), Maria Augusta Babo (Univ. Nova de Lisboa), Maria de Lurdes Lima dos Santos
(Observatório das Actividades Culturais/ Instituto de Ciências Sociais/ Universidade de Lisboa),
Mário Diani (Univ. de Trento), Michel Wlewiorka (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris),
Miguel Gil (Tribal/Media Capital), Muniz Sodré (Univ. Federal do Rio de Janeiro), Louis Quézé
(Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris), Jocelyne Arqueubourg (Universidade de Paris II,
Instituto Francês de Imprensa)

Arbitragem Científica

Fernando Barone, Francisco Costa Pereira, Gustavo Cardoso, Isabel Babo-Lança, Isabel Féin,
Jorge Bacelar, Jorge Veríssimo, José Luis Garcia, José Manuel Paquete de Oliveira,
José Manuel Proites da Fonseca, Pierre Guibentif, Ruth Gregório

Assistente de Direcção

Liliana Pacheco

Indexação

Sociological Abstract e Latindex

ISCTE IUL

Instituto Universitário de Lisboa

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Departamento de Sociologia, Secção de Comunicação, Cultura e Educação

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE

1649-026 Lisboa

Tel: 217 903 016 – Fax: 217 903 017

E-mail: jose.rebelo@iscte.pt

Edição e Distribuição

Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.

Travessa de Santo António da Sê, 10-1.º Dto.

1100-501 Lisboa

Tel: 218854250 – Fax: 218854259

E-mail: fts@fimdeseculo.com

Capa

Sérgio Rafael

Frases da Capa

Jacques Rancière, extracto de entrevista à revista *CULT*, n.º 139, Setembro de 2009

Tradução de resumos e palavras-chave

Isabela Câmara Salim

Impressão e acabamento

Offsetmais, S.A.

ISSN 1645-5983-16

Depósito legal: 296199/09

Índice

EM ANÁLISE

Sociedades Humanas, Sociedades Artificiais:

Perspectivas da Convergência _____

7

Porfírio Silva, Javier Bustamante Donas

Design, Comunicação e Novas Tecnologias:

Uma Leitura de Vilem Flusser _____

19

Sara Velez Estêvão

O Jornalista de Investigação: Uma Espécie de Detective e Historiador
ao Serviço da Verdade dos Factos para Lá dos Testemunhos _____

29

Óscar Mascarenhas

A Emergência de um Subcampo:
Tentativa de Conceptualização da Actividade do Columnista _____

37

Antónia do Carmo Barriga

DISCURSIVIDADES

Génese e Genealogia da Exclusão:

Práticas Universais Vistas Através da Imprensa _____

55

José Augusto dos Santos Alves

DOSSIER – ARTE E POLÍTICA

Arte e Estetização da Política _____

75

Muniz Sodré

A Recepção é a Arma do Povo? _____

81

João Teixeira Lopes

Rosas em Janeiro: Algumas Notas sobre Arte Política e Colectivismo _____

87

Isabel Sabino

Arte e Política na URSS: Visões dos Dois Lados do Muro _____

99

Luísa Cardoso

| | |
|---|-----|
| Cenas Juvenis, Políticas de Resistência e Artes de Existência <i>Vitor Sérgio Ferreira</i> | 111 |
| A Propósito do Mecenato: O Lugar da Cultura na Política do Século XXI <i>Alexandre Melo</i> | 121 |
| Políticas Culturais Locais e Financiamento da Cultura: Crescimento e Planeamento <i>José Soares Neves</i> | 125 |
| REFLEXÕES | |
| O Homem no seu Deserto: Exercício de Ficção Científica <i>João Carlos Alvim</i> | 133 |
| LEITURAS | |
| Luta-luta Quotidiana. Ensaios sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana, de José Machado Pais <i>Grça Indias Cordaio</i> | 141 |
| Ainda Bem Que Me Pergunta – O 1.º Manual de Escrita Jornalística Editado em Portugal, de Daniel Ricardo <i>Carla Baptista</i> | 142 |
| Media e Leis Penais, de Sara Pina <i>Rui do Carmo</i> | 143 |
| RESUMOS (Abstracts) | 149 |
| ÍNDICE DOS NÚMEROS ANTERIORES | 157 |

- GREENBERG, Clement (1988-1995), *The Collected Essays and Criticism* (ed. John O'Brian), vol. 1, Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- (1939), *Partisan Review*, Nova Iorque, VI, n.º 5.
- GROYS, Boris (1990, 1.ª ed., 1988), *Staline. Œuvre d'Art Totale*, Paris: Éditions Jacqueline Chambon.
- (2003), "The Other Gaze: Russian Unofficial Art's View of the Soviet World" in ERJAVEC, Alž (ed.), *Postmodernism and the Postsocialist Condition. Politicized Art under Late Socialism*, Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California Press.
- (2005), "Educating the Masses: Socialist Realist Art" in *Russia!*, Nova Iorque: Guggenheim Museum.
- GUILBAUT, Serge (1996, 1.ª ed. 1983), *Comment New York vola l'idée d'art moderne. Expressionnisme abstrait, liberté et guerre froide*, Paris: Hachette.
- HILLINGS, Valerie (2005), "Official Exchanges/ Unofficial Representations: The Politics of Contemporary Art in the Soviet Art and the United States, 1956-1977" in *Russia!*, Nova Iorque: Guggenheim Museum.
- JANOV, Andrei (1950), "Discours au 1er Congrès des Écrivains Soviétiques" in *Sur la Littérature, la Philosophie et la Musique*, Paris: Les Éditions de La Nouvelle Critique.
- KANTOR, Spbil Gordon, Alfred H. Barr, Jr. and the *Intellectual Origins of the Museum of Modern Art*, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- KRENN, Michael L. (2005), *Full-Out Shelters for the Human Spirit: American Art and the Cold War*, Chapel Hill e Londres: The University of North Carolina Press.
- MOČNIK, Rastko (2006), "East" in IRWIN, East Art Map: *Contemporary Art and Eastern Europe*, Londres: Afterwall, Central Saint Martins College of Art and Design, University of the Arts London.
- PERAICA, Ana (2006), "A Corruption of the 'Grand Narrative' of Art" in IRWIN, East Art Map: *Contemporary Art and Eastern Europe*, Londres: Afterwall, Central Saint Martins College of Art and Design, University of the Arts London.
- ROSENFELD, Alla e DODGE, Norton T. (eds.) (1995), *Nonconformist Art: The Soviet Experience, 1956-1986*, Nova Iorque: Thames and Hudson.
- SJKIUCHA, Paul, Mead, Igor (1967), *Unofficial Art in the Soviet Union*, Berkeley e Los Angeles: University of Carolina Press.
- ZABEL, Igor (1998), "We and the Others" in *Moscow Art Magazine*, n.º 22 (consultado em: <http://www.guelman.ru/sz/english/XX22/XX2208.HTM> a 15.04.2010).

Cenas Juvenis, Políticas de Resistência e Artes de Existência

VÍTOR SÉRGIO FERREIRA*

Nos bastidores das cenas juvenis

Alguns recursos estilísticos ostentados no contexto das culturas juvenis emergentes nos anos 50, começaram recentemente a ganhar uma aura estética muito além da sua tradicional legitimidade anti-estética. Num contexto marcado por uma intensa porosidade e hibridismo entre mundos da arte, indústrias culturais e culturas de rua¹, os primeiros começam a reconhecer e a caucionar simbolicamente a legitimidade artística de alguns objectos produzidos nos restantes contextos: enquanto *artes de fronteira*², as culturas de rua e as indústrias culturais acenham a lógica da criatividade autoral, tradicionalmente característica dos mundos artísticos, e todos eles veem (e têm interesse em) os seus objectos serem mercantilizáveis sob o signo da "singularidade", da "diferença" e da "autenticidade"³.

Quando se fala de recursos estilísticos das culturas de rua, falamos de objectos tão diversificados quanto, por exemplo: os *graffitis* que coloram as fachadas de transportes públicos, muros ou prédios na paisagem urbana e que ganham estatuto de *street art*; as tatuagens ou outro tipo de modificações corporais que encarnam, mais ou menos extensivamente, os corpos de muitos jovens, hoje reivindicadas por profissionais e consumidores como *body art*, as indumentárias e acessórios que constroem os visuais juvenis e cuja criatividade se encontra sob vigilância de *designers* e de outros "olheiros" das indústrias de moda; as bandas desenhadas, ilustrações ou textos que começam por encher as páginas de *fanzines*,

produzidos e distribuídos artesanalmente, ou de *websites* que invadem o espaço virtual, podendo vir a

integrar suportes mais tradicionais do mercado editorial; as expressões de *street dance* que coreografavam esquinas e arcadas de bairros dos subúrbios e que se movimentaram para palcos mais consagrados, ginásios e escolas de dança; as bandas e géneros musicais *underground* que se dão a ouvir em palcos de garagens ou outros circuitos marginais de apresentação pública e que rapidamente são absorvidas pela indústria fonográfica, etc., etc.

Estes recursos, isolados ou reunidos, contribuem activamente para a produção e expressão de sociabilidades e identidades juvenis. Enquanto objectos classificados e classificados, geralmente identificados por uma estética espectacular e exotizada, produzem e reproduzem sistemas simbólicos particulares que, por sua vez, criam fronteiras sociais entre os jovens. São, desta feita, recursos expressivos que colocam os jovens

* Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e bolsista de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

¹ Dinâmica social frequentemente identificada sob a designação genérica de estetização do quotidiano. Sobre este processo, ver Featherstone, 1991; Pais, 1994; Shusterman, 1988.

² Ver Pais, Ferreira e Ferreira, 1995; e Lima dos Santos, Ferreira, Marinho e Nunes, 2003.

³ Sobre a mercantilização das culturas de rua, destaque-se aqui uma entrevista recente feita a Paul Willis, por Sasstelli e Santoro (2009).

em *cenais*) no mundo social, uma "categoria nativa"⁴, recorrentemente empregue na vida social dos jovens, para classificar as microculturas que frequentam⁵.

O uso social desta metáfora dramaturgica invoca a frequência de espaços sociais apropriados como *palcos*, no sentido que Goffman (1993 [1959]) dá ao termo. A partir deles, alguns jovens constroem e demonstram os seus sentimentos colectivos, desempenham determinados papéis sociais, e actuam para as suas audiências quotidianas, captando-lhes a atenção: "Olhar e ser observado torna-se o modo mais eficaz de se fazer presente na esfera pública. Essa necessidade de "transparência social" faz de cada indivíduo um actor por excelência. *Performances*, estilos, coreografias, ou seja, "encenações públicas" dinamizam o acontecer social", nomeadamente entre aqueles que são obiectivamente colocados nos "bastidores da cena social" (Diógenes, 1998: 181), que frequentam as zonas mais marginais, subterrâneas e intersticiais do espaço social.

Nas suas cenas, esses jovens usam dramática e criativamente adereços, cenários, bandas sonoras, *performances* e enredos para marcar e demarcar o seu papel no mundo. Frequentemente divergentes e desafiadores do gosto canónico, as suas *mise en scènes* causam impacto social e fazem atrair as atenções sobre si. Colocam-nos em protagonismo e fazem-nos sentir que estão sendo "vistos no mundo e a partir do mundo", diria Sartre (1998 [1943]: 339). É nesta medida que os recursos estilísticos criados e disponibilizados no âmbito das cenas juvenis têm sido frequentemente compreendidos enquanto expres-

são social de *resistência* aos modelos normativos e hegemónicos de ordem social.

Hoje, contudo, uma versão subculturalista, mais ortodoxa, do conceito de "resistência" poderá revelar-se problemática quando analiticamente explorada para caracterizar as práticas oposicionais nos actuais contextos juvenis de produção e reprodução social e cultural. O mundo mudou e, com ele, como nota, em algumas das suas abordagens mais recentes⁶, as configurações e vivências sociais, estilísticas e políticas das cenas juvenis. Num contexto de intensa proliferação e pulverização das possibilidades de escollha cultural socialmente disponíveis, as fronteiras sociais e simbólicas das cenas juvenis fragilizam-se profundamente.

Onde a pertença era entendida como permanentemente, baseada em compromissos de longa duração e numa forte identidade de grupo, a adesão passa a ser assumida como temporária e o compromisso a qualquer tempo renegociado ou cancelado. Os jovens vão vagueando por várias microculturas, paralelas e/ou sucessivas, estruturando, a partir delas, identidades fragmentadas, provisórias e acentuadamente individualizadas. Onde a homogeneidade estilística imperava, passou a existir uma profusão ecléctica, híbrida e acumulada de estilos e de recursos expressivos, por meio de transformações, fusões e revivals, mos que se sucedem.

Por fim, onde estes manifestavam *políticas de resistência*, militantes e colectivas, orientadas por uma ética contestatária de vida e por valores universalistas de igualdade, passam a ser expressas *artes de existência*, orientadas por uma ética de vida *celebratória* que cultiva valores

⁴ As "categorias nativas" - também chamadas *conceitos de primeira ordem* (Schutz, 1974) ou *conceitos sensibilizantes* (Blumer, 1969) - não são mais do que as palavras que o sujeito social agencia na sua linguagem corrente e reconhece como pertinentes para dar conta das suas experiências, para justificar as suas acções, para dar sentido às suas posições no mundo e perante o mundo, em cada uma das suas esferas de existência.

⁵ Entende-se por *microculturas juvenis* os contextos sociais onde ocorrem "fluxos de significados e valores mandados por pequenos grupos de jovens na vida quotidiana, atendendo a situações locais concretas" (Feixa, 1998: 270). Sobre a abordagem destas enquanto *cenais*, ver Abramo, 1994; Bennett e Peterson, 2004; Grossegeier, Heinzmaier e Zentner, 2001; Hesmondhalgh, 2005.

⁶ Nomeadamente, as que consubstanciavam a viagem conceptual pós-subculturalizista. Ver Muggleton, 2000 (2002); Muggleton e Weinziel, 2003; Bennett e Kahn-Hariri, 2004; Hesmondhalgh, 2005; Maghni, 2005; Ferreira, 2009.

particularistas, no sentido do alargamento das possibilidades de expressão e criatividade individual. Estética e política continuam a entrecruzar-se nas actuais cenas juvenis, porém, com novos conteúdos e sob mais sofisticadas formas. Senão vejamos.

Utopias vs heterotopias

Na linha da tradição inaugurada pelo Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, a *resistência* característica das subculturas juvenis do pós-guerra pressupunha práticas dotadas de uma intencionalidade transformadora da ordem colectiva. Tinham como objectivo subverter uma "ordem social", entendida como opressora das vivências juvenis, bloqueando-lhes oportunidades laborais e de mobilidade social, subornando os jovens a uma autoridade "adulocéntrica" e alienante, conformando-os a uma ordem de valores e de posições sociais pré-definidas. Nesta concepção, os recursos estilísticos mobilizados pelos jovens eram subsumidos ao seu lugar de classe e vistos como reflexo da sua posição dominada, oprimida e explorada, enquanto membros da classe operária, donde as subculturas emergiam enquanto representantes sociais dos seus membros mais jovens⁷.

Giroux enfatiza a posição classista e ideológica das *práticas de resistência*, fazendo-as distinguir dos meros *actos de rebelião* juvenil (1992: 288-290). Estes últimos, situados num tempo e num espaço restritos, correspondem a acções pontuais e mais ou menos impulsivas, sem qualquer tipo de *reflexividade transformadora* associada⁸, muitas vezes discutidas como condutas típicas do período juvenil e naturalizadas como fazendo parte do seu processo de crescimento e de autonomização. Já as *práticas de resistên-*

cia pressupõem uma consciência oposicional que procura romper ou ganhar posição no que os actores percebem ser as relações de poder, os fundamentos do controlo social e as figuras da autoridade, sendo preconizadas com consciência dos efeitos pessoais e sociais que delas podem advir.

Adescenta ainda que, para uma acção traduzir resistência, terá de manifestar uma condenação ideológica aberta perante ideologias repressivas. Terá de conter uma função de revelação crítica da situação de dominação e providenciar a oportunidade para a reflexão e a luta pelos interesses de emancipação social. Para tal, a resistência pressupõe alguma organização grupal, associada a um programa politizado, relativamente autocontrolada e fechada, orientada no sentido de satisfazer os interesses do colectivo que celebra e interessa em resultar em mudanças efectivas na estrutura do sistema que denuncia.

Ora, esta concepção de resistência torna-se analiticamente pouco adequada e heurística, limitada para interpretar as produções culturais das microculturas juvenis dos nossos dias. Por um lado, por vida da sua intensa diversificação social e fragmentação reticular e temporâneas, as microculturas juvenis já não surgem exclusivamente estruturadas na base da classe social (se é que alguma vez o foram), variável em função da qual o conceito começou por ser desenvolvido. Tomando em consideração o já vasto e sólido trabalho de pesquisa acumulado sobre estas realidades nas ciências sociais - onde a pesquisa sobre a subjectividade da acção social nitidamente se sobrepôs aos enquadramentos generalistas e generalizantes dos esquemas neomarxistas -, variáveis identitárias como a etnicidade, o género, a orientação sexual, os estilos de vida e os valores surgem bastante mais nítidas que a classe social, enquanto pólos de resistên-

⁷ Ver, entre outros autores, Cohen e Taylor, 1978; Cohen, 1984; Hall e Jefferson, 1976; Hebdige, 1986 (1979); Willis, 1977.

⁸ Empregamos aqui o conceito de Pais para dar conta da intencionalidade transformadora subentendida nessas práticas. O autor designa de *reflexividade transformadora* essa "reflexividade primordial que desestabiliza os consensos pelo simples facto de os questionarmos" (2008: 246), induzindo interrogações que podem dar origem à circulação social de novos quadros simbólicos e opções práticas a serem consideradas.

cia e de oposição nos reportórios discursivos de muitas microculturas juvenis⁹.

Por outro lado, as expressões juvenis microculturais estão hoje longe de pretender dar voz a coletivos fechados, organizados e ideologicamente uniformes. Sem perder o seu propósito dissidente, os seus propósitos já não são propriamente revolucionários, no sentido de tentar substituir os modelos dominantes pelos seus próprios modelos. A sua vivência actual tem mais o propósito de *demarcação pessoal* de um estilo de vida, escapatório aos modelos prescritivos da sociedade globalizada¹⁰, do que de *imposição colectiva* de um elaborado sistema ideológico em função do "bem comum", no sentido idealista e holista do termo. Há, portanto, uma redução na escala da intenção subjacente à acção e dos respectivos efeitos num sentido pragmático e microscópico de, tão-somente, garantir as condições de existência do seu próprio mundo de vida¹¹. Apesar de potencialmente poderem conter intenções e efeitos disruptivos, a relexividade transformadora que lhes é subjacente tende a ser pouco ambiciosa em objectivos de mudança social.

Por entre as microculturas juvenis de hoje denota-se, aliás, um sentimento partilhado de *impotência* perante a hipótese de, *colectivamente*, mudar o Mundo, no sentido de qualquer modelo de organização social pré-definido, demarcando-se da lógica de acção social de movimentos juvenis do passado. Longe do militantismo colectivo e programático que caracterizava alguns movimentos juvenis contestatórios dos anos 70 e 80, não existe qualquer tipo de programa social *utópico* (como entre o movimento *hippie*, por exemplo), sequer *distófico* (como entre o movimento *punk*) a informar as práticas de resistência

juvenil, no sentido de expressar um imaginário de "sociedade melhor" ou "sociedade ideal".

Pelo contrário, há nestes contextos uma recusa iconoclasta das maquetas sociais que denotam, à partida, tal ambição, na medida em que se tratam de programas dotados de uma racionalidade identitária que tende a promover cidadãos uniformizados perante os deveres e direitos sociais (de produção e reprodução), esmiuçadamente planeados por legisladores que têm por função velar pela harmonia, justiça e igualitarismo da vida colectiva: "planificação do modo de habitar, da produção e do consumo, regulamentação dos casamentos e dos nascimentos, paternalismo político, catecismo cívico, poder normativo da ciência, moral angélica e ascética, formam o perfil destas sociedades alternativas (More, Campanella, Fenelon, Morelly, Mercier, etc.)" (Wunenburger, 1986, p. 5).

As reminiscências dos programas sociais utópicos que ainda subsistem no âmbito de algumas microculturas juvenis (como a anarquia, o comunismo ou o nacional-socialismo, por exemplo), acabam por ser invocadas mais enquanto reportório de argumentos críticos que proporciona relativamente às recentes formas de organização social, do que na dimensão prepositiva e programática que os respectivos manifestos preservam para o futuro social. A sua mobilização vai mais no sentido de *denunciar* que de *anunciar*, de *diagnosticar* do que *prognosticar*.

Atredadas as orientações de um programa utópico, a dimensão política das actuais expressões juvenis microculturais manifesta-se, antes, numa ambição *heterotópica de desvio* (Foucault, 1984 [1967]), ou seja, numa postura de abertura social à pluralidade e à coexistência cultural, através do questionamento e desajo dos cânones

⁹ Ver, entre outros autores, Haentfler, 2004; Kaby, 2005; Seymour, 2006.

¹⁰ Proposto por Pais (2001: 71), o conceito de *estilo de vida escapatório* refere-se aos feixes de práticas que, em domínios diversos da vida, tentam escapulir-se aos gostos esteticamente mais padronizados e vulgarizados, às experiências sociais mais normativas e rotineiras, às rotas de vida mais lineares e saturadas, aos modelos estandardizados e hegemónicos, olhados como vias prescritivas de viver a vida.

¹¹ Em contraste com a *zona das coisas distintas* (Mead, 1963 [1933]; Turner, 1969), o *mundo de vida* corresponde ao *mundo de alcance efectivo* do indivíduo, à sua *zona de operação* quotidiana (Schutz e Luckmann, 1977, pp. 54-55), organizada "em torno do "agui" do meu corpo e do "agora" do meu presente. Este "agui e agora" é o foco da atenção que presto à realidade da vida quotidiana" (Luckmann e Berger, 1999 [1966], pp. 39-40).

que tendem a modelar as experiências juvenis. O que está em causa já não é a reclamação colectiva de uma mudança no sistema, mas a reivindicação individualizada de um espaço de existência enquanto pessoa *singular* ("ser diferente"), *autêntica* ("ser eu próprio") e *livre* ("ser o que eu quero").

Universalismo vs particularismos

A reflexividade transformadora própria da cultura política das actuais cenas juvenis já não surge, portanto, associada à reivindicação, defesa ou extensão colectiva do usufruto de direitos estritamente políticos, humanos ou sociais, sequer mesmo dos chamados *direitos regatados*¹². Enforma, sim, a reclamação de *direitos culturais particularistas*, no sentido da liberdade individual, para experimentar novos modelos estéticos e éticos que podem vir (ou não) a reificar-se em dado estilo de vida, com continuidade biográfica no tempo¹³, mobilizando determinadas manifestações expressivas. Daí, a centralidade que sigros de consumo, como o visual, a música, a própria alimentação, entre outros recursos de estilo, adquirirem na vivência libertária destes jovens.

Mais do que luta pela *equidade*, estas expressões manifestam uma luta pela *subjetividade* (McDonald, 1999), vinculadas não a reivindicações de igualdade social, mas de singularidade identitária. O seu conteúdo político deve ser entendido não no quadro tradicional da universalidade dos direitos de cidadania – que pressu-

põe o mesmo conjunto de liberdades e responsabilidades cívicas para todos –, mas num quadro de consagração do indivíduo. A intenção política está em ser-se reconhecido não apenas como *cidadão* susceptível de ter direitos iguais, mas na sua particularidade enquanto *pessoa*.

Pretendendo demonstrar e ratificar socialmente uma forma de existência singular e de inserção alternativa às convencionais, as composições estilísticas, fabricadas por estes jovens nas suas encenações quotidianas, frequentemente ostentam e maximizam uma *diferença radical*¹⁴ em relação aos códigos dominantes do bom gosto estético. O que na sua produção é entendido como uma aposta chativa, muitas vezes é socialmente descodificado, na sua recepção, como hostilidade e provocação, acabando por desagradar, surpreender ou chocar.

Daí a resistência implícita nas expressões estéticas das cenas juvenis se dirigir aos entendimentos dominantes e normativos sobre a vida em sociedade que categorizam as práticas dos seus participantes dentro de um código conformista e normativo de valores e virtudes públicas. Toda-via, mais do que funcionar como antítese social, estes jovens apenas pretendem ver recolocada a sua existência como possibilidade, entre tantas outras, procurando promover a incorporação social de *estruturas de reciprocidade intersubjectiva* (Yar, 2001: 72-73), ou seja, de quadros simbólicos favorecedores da abertura à alteridade, da sensibilidade à diferença, do *reconhecimento* da pessoa na sua *subjetividade*¹⁵.

¹² Direitos civis e sociais que a cidadania estatui como universais, ou seja, aplicáveis e conferidos a todas as pessoas, porém, frequentemente desapeitados para determinados segmentos sociais, mais vulneráveis, em função de determinados atributos (cor da pele, género, orientação sexual, etc.). Ou seja, direitos que, apesar da sua suposta aplicação universal, têm de ser retroçados em função de determinadas populações específicas, não no sentido de lhes conferir situações excepcionais, mas de evidenciar e acuarar as condições de discriminação e de preconceito a que estão sujeitas (Cahral, 2000).

¹³ Grossegger, Heinzmaier e Zanter (2001: 197) fazem a distinção entre *culturas juvenis e estilos de vida*, em termos de fase etária: quando se é jovem, adota-se uma cultura juvenil, quando se é adulto, adota-se um estilo de vida, que pressupõe alguma estabilidade e individualidade na apropriação dos recursos proporcionados por cada cena em que se circula.

¹⁴ A expressão é de Lipovetsky (1989 [1987]: 170).

¹⁵ Lash e Featherstone (2001) advogam a utilidade do conceito de *reconhecimento* na análise das actuais formas de cultura política, na medida em que abre espaço para a análise das novas realidades empíricas, encetadas pelos novos movimentos sociais, em termos de acções e objectivos políticos. Nesta perspectiva, Fraser

A dimensão política das cenas juvenis reflecte, nesta perspectiva, uma estratégia de *remoralização da vida quotidiana*, no sentido de integrar na ordem moral da actual sociedade a necessidade de *dignidade* na diferença individual, e de fazer reconhecer uma *cultura de civilidade* que a respeite, através da ampliação das concepções dominantes da "normalidade". Um reconhecimento que, claro está, não se orienta no sentido da esfera institucional do sistema político, sequer se almeja no plano do direito jurídico. O reconhecimento é aspirado no plano da própria quotidianidade dos indivíduos, considerando as suas necessidades afectivas e de reciprocidade na esfera social de outros concretos.

Trata-se, portanto, de uma cultura política contra a *humilhação*, a *injúria* e o *insulto* muni-dano, ou seja, contra todas as acções ultrajantes, discriminatórias e menos cortesias que, de uma forma ou de outra, afectam quotidianamente o sentido de *dignidade* desses jovens. A sua exigência de reconhecimento vai a par da reivindicação e luta pela dissolução de uma sociedade menos prescritiva e normativa, com critérios de "normalidade" cuja rigidez e grau de institucionalização é susceptível de transformar toda e qualquer diferença radical em *estigma*.

Contestação vs celebração

Sem perder os contornos de *activismo expressivo*, a partir dos quais o mundo é questionado e desafiado, as políticas desenvolvidas nas cenas juvenis contemporâneas são vividas de forma mais mundana, com ambições mais rasantes e intenções mais personalizadas. Pretendendo lutar mais por uma *existência* marginal dentro das estruturas que pelo acesso a uma posição de

centro, os jovens que encenam os seus estilos de vida a partir das actuais microculturas juvenis, estão menos interessados em agir sobre o mundo do que em aproveitá-lo, *predá-lo* no que de melhor ele oferece.

As suas acções não serão, portanto, expressão de *práticas antiqualitárias*, no sentido em que oferecem a possibilidade de mudar o mundo, enquanto estratégias de luta com o objectivo de destruir a "ordem social vigente" e impor uma nova ordem substitutiva. São sobretudo *práticas predatórias*, ou seja, práticas que aproveitam os meios e os espaços que lhes são socialmente disponibilizados, no sentido de se (a)firmarem no mundo, tentando expandir as fronteiras da expressão cultural e da criatividade pessoal (através do corpo, da indumentária, da música, da palavra, da imagem, etc.).

Em contraponto à lógica holista de *contestação* colectiva, característica de alguns movimentos juvenis do passado, as solidariedades conviviais destes contextos organizam-se sobretudo em torno de uma *ética de celebração*. Em contraponto às formas passivas de "matar o tempo" ou às formas combativas de viver a vida, esta ética evidencia uma constante procura do lado fértil da existência, enquanto demonstração de vitalidade e de energia criativa (Callolis, 1988 [1961]). Os valores que a caracterizam passam pelo *experimentalismo*, enquanto tentativa constante de testar o limite possível; pelo *hedonismo* como princípio do prazer, do gozo e da satisfação em torno do lúdico; pelo *presentismo* como forma imediata e desritualizada de viver intensivamente o momento presente.

A ambição de vida destes jovens é viver a vida como uma *deriva* pelas "rotas exóticas" que se atravessam no fluir das rotinas¹⁶, na constante experimentação proporcionada pelo desalojo dos

limites e do risco. É uma ética de celebração da vida. Estrutura-se, assim, no sentido da abertura ao imprevisível e ao imponderável que o quotidiano traz consigo, com pontos de partida concretos, mas sem pontos de chegada pré-definidos, o mais livre possível de constrangimentos pré-determinados.

Na sua vivência quotidiana, a ética de celebração surge nitidamente associada aos momentos de lazer dos jovens entrevistados, encarados como tempos de ruptura, insurreição, liberdade e evasão, relativamente às obrigatoriedades rotineiras dos tempos de trabalho, muitas vezes sentidos como opressivos. É no decorrer dos tempos de lazer que muitas das práticas e recursos estilísticos são experimentados e/ou desenvolvidos, convocados como ingredientes na "arte de bem viver" desses jovens, fundando densas redes de afinidades electivas e afectivas, num contexto de um forte convívio e partilha identitária. Indumentárias que saem do armário, adereços que são postos a descoberto, traços que se espalham pela cidade, intensidades e riscos são explorados, sons que se escutam e se partilham, e que, muitas vezes, também se tocam.

As modalidades de apropriação e exploração estilística destes jovens não têm que se estabelecer no pólo do consumo. Cada vez mais frequentemente se estendem ao pólo da produção, onde vários recursos estilísticos podem ser vividos de uma forma mais lúdica e convivial, ou com alguma convicção profissional ou profissionalizante. De facto, há que considerar que o alargamento de uma vasta indústria de consumos culturais, especificamente dirigida a jovens e consumida pelos mesmos (ou por quem pretende aparentar-se como tal), veio propiciar o alargamento homólogo das possibilidades de determinados tipos de consumo/lazer se tornarem, potencial ou efectivamente, formas de trabalho ou lugares de emprego sedutores, sonhados como tal no horizonte de expectativas laborais de muitos e cada vez mais jovens.

É o caso das práticas musicais ou das práticas de produção de fachadas corporais, por exemplo. A envolvimento juvenil nestas práticas começa, com frequência, por ser meramente lúdica, com

o simples objectivo de preencher tempos livres ou de exprimir um visual pessoal, podendo, com o tempo, começar a ser ponderada como possibilidade concreta de profissionalização, seja sob a forma de *hícariz* (temporário) ou de *carreira* (de futuro), garantindo a realização integral de uma política de vida marcada pela divergência à normalidade (Freireira, 2008). Deste modo, estes jovens acabam por obter, na sua actividade profissional, uma peculiar fusão entre identidade e trabalho, entre o projecto de vida que constroem a partir da esfera do lazer e do consumo e o meio de vida necessário para a sua manutenção, mantendo-se em *cena* a tempo inteiro.

As cenas juvenis configuram-se, portanto, como *laboratórios de experimentação criativa* (Feixa, Costa, Pallares, 2001) ou *laboratórios culturais* (Melucci, 1989). Potenciando a criatividade e inovação dos seus participantes, em várias esferas da vida, nelas são socialmente experimentados, partilhados e celebrados gostos estéticos mais marginais, integrados em estilos de vida mais ex-cêntricos. Este esforço de estilização da vida atesta uma vontade de dissolução da ideia de "arte" no quotidiano, isto é, "a dissolução do artista numa espécie de *homo aestheticus* universal, que legitima, em todos nós, um artista, e em cada uma das nossas produções ou gestos, uma obra de arte" (Cruz, 1991: 61).

Resistência vs existência

Mais do que critérios de *classe* ou de *ideologia*, próprios da abordagem subcultural tradicional, a abordagem actual das cenas juvenis implica, na abordagem actual do eixo da *forma*, ou seja, da identidade visual e visual, transmitida nas encenações imagéticas e/ou performativas que caracterizam esses grupos de estilo, em que a colectividade humana que os constitui "já renuncia a outra forma de legitimação, atribuição e integração que não seja - fora algum outro ingrediente ideológico difuso - a exibição pública de elementos puramente estilísticos: vestimenta, dialecto, alterações corporais, penteado, gestualidade, formas de entretenimento,

e Honneth (2001) e Honneth (1995, 2004) distinguem as *políticas de redistribuição das políticas de reconhecimento*:

as primeiras construídas com base na noção de equidade, resgatada a velha agenda de justiça social, sendo sobretudo focalizadas em objectivos económicos (mais concretamente, na redistribuição dos bens materiais); as segundas alicerçadas no valor da *diferença*, focalizando-se sobretudo em objectivos de natureza cultural, associados à reconstrução simbólica do social e à necessidade de respeito e dignidade social e/ou individual.

¹⁶ "Na Verdade, o termo 'exótico' (do grego *exotikos*) remete para tudo o que é estrangeiro, desconhecido, extravagante. Extravagar, por sua vez, remete para a ideia de andar fora de ordem, que, neste caso, seria a ordem da rotina" (País, 1994: 100).

pautas alimentares, gostos... (..) O critério de reconhecimento intersubjectivo não se funda num concerto entre as consciências, mas entre as aparências" (Ruiz, 2002: 117).

Nesta perspectiva, é legítimo argumentar que as formas tomadas por práticas de resistência no passado, configuram hoje o que Foucault designou de *artes da existência*, isto é, "práticas reflectidas e voluntárias através das quais os homens não apenas se fixam regras de conduta, mas também procuram transformar-se a eles próprios, modificar-se no seu ser singular e fazer da sua vida uma obra que integra certos valores estéticos e responde a certos critérios de estilo" (1994 [1984]: 17). São artes que têm como matéria a própria vida, nela integrando criativamente recursos expressivos, accionados no sentido de a estilizar, sofisticar e distinguir, conforme os modos de vida próprios "dos heróis das novas epopeias do quotidiano – aqueles que querem fazer da sua própria vida uma obra de arte (inventando sobremaneira nas estratégias de auto-realização e autodescoberta, sob o manto algo diluído da "autenticidade", reacção, segundo Giddens, contra os sistemas impessoais e abstractos da modernidade tardia ou radicalizada" (Lopes, 2002: 63).

Não se trata aqui de ignorar ou não reconhecer a dimensão política destas práticas e recursos, em detrimento dum mero esteticismo. Trata-se, sim, de reconhecer a transfiguração política dessas acções e recursos estéticos que também implicam princípios éticos na "arte de bem viver", nomeadamente os que concernem às suas condições sociais e simbólicas de reconhecimento e de liberdade. A elaboração da vida como "obra de arte", na perspectiva de Foucault, pressupõe a construção de uma estética emancipatória, voltada para a auto-realização e auto-afirmação do sujeito, bem como para a busca de uma ética pessoal, na base de um exercício de liberdade individual, e não para a obediência a um código de regras colectivas: "a noção de estética da existência hipertrofia o valor da experimentação individual" (Costa, 1995: 127-128). Desafiando os modos de existência prescritos, as artes de existência representam, assim, formas de resistência

social, na vontade do sujeito se singularizar e de afirmar a sua alteridade.

Tal não implica, contudo, como Foucault chega a propor (1984), que tal experiência seja exercida arbitrariamente, na ausência de uma qualquer ordem moral. A reinvenção de si próprio e de novas formas de subjectivação implica também a reinvenção de novas formas de relação com o outro e a capacidade de transformação do mundo que o cerca. Assim, no âmbito das cenas juvenis, o que encontramos é a reivindicação de uma vivência libertária praticada em condições de *pluralismo coexistencial*, no sentido de ver instituída uma "desordem da moral expressa na existência de múltiplas moralidades, [ainda que] frequentemente conflituantes entre si" (País, 2008: 253).

As *políticas de resistência* dão lugar a *políticas de existência*, mobilizadoras de práticas e recursos estilísticos que procuram possibilidades de expressão e reconhecimento de uma subjectividade que se constrói e imagina como singular, autêntica e livre, estendida e celebrada num modo de vida que pretende *figurar* às fórmulas socialmente mais saturadas, actualmente disponibilizadas no "supermercado de estilos". Num sistema onde alguns jovens percebem a sua experiência social sujeita a constrangimentos, no sentido da massificação e homogeneização cultural, são formas expressivas de reacção que lhes permitem, simultaneamente, (de)marcar esteticamente a sua presença no mundo, e protagonizar performativamente uma forma alternativa de existência no mundo.

Na sua vida quotidiana, estes jovens procuram não ver reduzidas as suas subjectividades a categorias funcionais ou disfuncionais do sistema, buscando o reconhecimento social da sua diferença específica no contexto de microculturas onde se cultivam laços de cumplicidade na expressão pública da diferença, em condições de liberdade, respeito e dignidade. Distantes dos pólos tradicionais de exercício do poder, estes jovens não abandonam, porém, a sua política aos representantes do Estado ou de qualquer outra instância soberana.

Ao contrário das formas de organização mais burocráticas, onde os jovens correm o risco de

serem olhados como uma massa indiferenciada com o mesmo tipo de problemas, as ondas por onde surfam acabam por lhes conceder uma forma flexível de enquadramento social onde se descobrem mais como cidadãos do que como vítimas a necessitar de "cuidados intervencionistas", encorajando possibilidades concretas de participar socialmente, com criatividade, no sentido de gerir e negociar os seus próprios interesses e expectativas.

Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel (1994), *Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano*, São Paulo: Página Aberta.
- BENNETT, Andy e PETERSON, Richard (2004), *Music Scenes: Local, Translocal and Virtual*, Nashville: Vanderbilt University Press.
- BLUMER, Herbert (1969), *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*, Nova Iorque: Prentice-Hall Englewood Cliffs.
- CAVALDI, Manuel Villaverde (2000), "O exercício da cidadania política em Portugal" in *Análise Social*, vol. 35, n.º 154-155, pp. 85-113.
- CALLIOLS, Roger (1988 [1961]), *O Homem e o Sagrado*, Lisboa: Edições 70.
- COHEN, Peter (1984), "Subcultural conflict and working-class community" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE A. e WILLIS, P. (eds.), *Culture, media, language*, pp. 78-87, Londres: Hutchinson.
- COHEN, Stanley J. e TAYLOR, Laurie (1978), *Escape attempts: the theory and practise of resistance to everyday life*, Londres: Penguin Books.
- COSTA, Jurandir Freire (1995), "O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?" in *Tempo Social*, vol. 7, n.º 1-2, pp. 121-138.
- KRUIZ, Maria Teresa (1991), "Experiência estética e estetização da experiência" in *Revista de Comunicação e Linguagens*, n.º 12-13, pp. 57-65.
- DIÓGENES, Glória (1998), *Cartografias da Cultura e da Violência. Gangues, Galeras e o Movimento Hip Hop*, São Paulo: Annablume.
- FATHERSTONE, Mike (1991), *Consumer Culture and Postmodernism*, Londres: Sage.
- FAIXA, Carlos, COSTA, Carmen e PALLARÉS, Joan (2001), "From akupas to makinkeros: citizenship and youth cultures in Spain" in AA. VV., *Transitions of Youth Citizenship in Europe: Culture, Subculture and Identity*, pp. 305-320, Estraburgo: Conselho da Europa.
- FAIXA, Carlos (1998), *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona: Ariel.
- FERRERA, Vitor Sérgio (2008), "Os ofícios de marcar o corpo: a realização profissional de um projecto identitário" in *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 38, pp. 71-108.
- (2009), "Youth scenes, body marks and bio-socialities" in *Young: Nordic Journal of Youth Research*, vol. 18, n.º 3, pp. 285-306.
- FOUCAULT, Michel (1984 [1967]), "Des espaces autres. Hétérotopes" in *Dis et écrivis 1954-1988 (IV)*, pp. 752-762, Paris: Gallimard.
- (1984), "Une esthétique de l'existence" (entretien avec A. Fontana) in *Le Monde*, 15-16 juillet 1984, p. 11.
- (1994 [1984]), *História da Sexualidade. O Cuidado de Si*, 3.º vol., Lisboa: Relógio d'Água.
- FRASER, Nancy e HONNETTA, Axel (2001), *Redistribution or Recognition? A Philosophical Exchange*, Londres: Verso.
- GIROUX, Henry A. (1992), *Border Crossings*, Londres: Routledge.
- GOFFMAN, Erving (1993 [1959]), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio d'Água.
- GROSSGGER, Beate, HEINZLMAIER, Bernhard e ZWITNER, Manfred (2001), "Youth Scenes in Austria" in AA. VV., *Transitions of Youth Citizenship in Europe. Culture, Subculture and Identity*, pp. 193-216, Estraburgo: Conselho da Europa.
- HAENFELER, Ross (2004), "Rethinking subcultural resistance" in *Journal of Contemporary Ethnography*, vol. 33, n.º 4, pp. 406-436.
- HALL, Stuart e JERFENSON, Tony (eds.) (1976), *Resistance Through Rituals. Youth Cultures in Post-War Britain*, Londres: Hutchinson and CCCS, University of Birmingham.
- HENDIGE, Dick (1986 [1979]), *Subculture. The meaning of style*, Londres: Methuen.

- HESMONDHAIKH, David (2005), "Subcultures, scenes or tribes? None of the above" in *Journal of Youth Studies*, vol. 8, n.º 1, pp. 21-40.
- HONNETH, Axel (1995), *The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflict*, Cambridge: Polity Press.
- (2004), *Morality and Recognition*, Cambridge: Polity Press.
- LASH, Scott e FEATHERSTONE, Mike (2001), "Recognition and difference. Politics, identity, multi-culture" in *Theory, Culture and Society*, vol. 18, n.º 2-3, pp. 1-19.
- LIMA DOS SANTOS, Maria de Lourdes, FERREIRA, Vítor Sérgio, MARTINHO, Teresa e NUNES, João Sedas (2003), *O Mundo da "Arte Jovem": Protagonistas, Lugares e Lógicas de Acção*, Oeiras: Celta.
- LIPOVETSKY, Gilles (1989 [1987]), *O Império do Ephemero*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- LOPES, João Teixeira (2002), "Razão, corpo e sentimento na teoria social contemporânea" in *Sociologia*, n.º 12, pp. 57-64.
- LUCKMANN, Thomas e BERGER, Peter (1999 [1966]), *A Construção Social da Realidade. Tratado de Sociologia do Conhecimento*, Lisboa: Dinalivro.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (2005), "Os cultos dos jovens urbanos" in *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, vol. 17, n.º 2, pp. 173-205.
- MCDONALD, Kevin (1999), *Struggles for Subjectivity: Identity, Action and Youth Experience*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MEAD, George-Herbert (1963 [1933]), *L'Esprit, le Soi, la Société*, Paris: PUF.
- MELUCCI, Alberto (1989), *Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society*, Filadélfia: Temple University Press.
- MUGGLETON, David (2002 [2000]), *Inside Subculture. The Postmodern Meaning of Style*, Oxford: Berg.
- MUGGLETON, David e WEINZIEHL, Rupert (eds.) (2003), *The Post-Subcultures Reader*, Oxford: Berg.
- PAIS, José Machado (1994), "Éticas e estéticas do quotidiano" in LIMA DOS SANTOS, Maria de Lourdes (org.), *Cultura & Economia*, pp. 129-152, Lisboa: ICS.
- (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto: Ámba.
- (2008), "Quotidiano e reflexividade" in TORRES, Anália e BAPTISTA, Luis (orgs.), *Sociedades Contemporâneas. Reflexividade e Acção*, pp. 241-259, Porto: Afrontamento.
- PAIS, José Machado, FERREIRA, Vítor Sérgio e FERREIRA, Paulo Antunes (1995), *Inquérito aos Artistas Jovens Portugueses*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- RABY, Rebecca (2005), "What is resistance?" in *Journal of Youth Studies*, vol. 8, n.º 1, pp. 151-171.
- RUIZ, Manuel Delgado (2002), "Estética e infância. De la distinción al estigma en los marcajes culturales de los jóvenes urbanos" in BEIXA, Carles, COSTA, Carmen e PALLARÉS, Joan (orgs.), *Movimientos Juveniles en la Península Ibérica. Grifitas, Okupas*, pp. 115-143, Barcelona: Editora Ariel.
- SARRE, Jean-Paul 1998 [1943], *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*, Petrópolis: Editora Vozes.
- SASSATELLI, Roberta e SANTORO, Marco (2009), "An interview with Paul Willis. Commodification, resistance and reproduction" in *European Journal of Social Theory*, vol. 12, n.º 2, pp. 265-289.
- SCHUTZ, Alfred (1974), *El Problema de la Realidad Social*, Buenos Aires: Amorrortu.
- SCHUTZ, Alfred e LUCKMANN, Thomas (1977), *Las Estructuras del Mundo de la Vida*, Buenos Aires: Amorrortu.
- SEYMOUR, Susan (2006), "Resistance" in *Anthropological Theory*, vol. 6, n.º 3, pp. 303-21.
- SHUSTERMAN, Richard (1988), "Postmodernist aestheticism, a new moral philosophy?" in *Theory, Culture and Society*, vol. 5, pp. 337-355.
- WILLIS, Paul (1977), *Learning to Labour*, Farnborough: Gower.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques (1986), "L'utopie" in *Sociétés*, n.º 10, pp. 4-5.
- YAR, Majid (2001), "Recognition and the politics of human(e) desire" in *Theory, Culture and Society*, vol. 18, n.º 2-3, pp. 57-76.